

# SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL EM EDIFÍCIOS E ESPAÇOS PARTILHADOS: MAPEAMENTO DO PERFIL SUSTENTÁVEL DA COMUNIDADE ISCTE

PROJETO “UNIVERSITY COMMUNITY ENGAGEMENT IN TECHNOLOGIES FOR  
SUSTAINABILITY: A SOCIAL ARCHITECTURE”

*Abril, 2020*

João C. Ferreira

Ricardo Resende

Vasco Rato

Sílvia Luís

Rita Moura

Bruno Mataloto

Carla Mouro

Patrícia Duarte

# ÍNDICE

<b>A. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>B. CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA .....</b>	<b>5</b>
Grupo dos estudantes	
Grupo dos docentes e/ou investigadores	
Grupo dos funcionários técnicos e administrativos	
<b>C. MAPEAMENTO DO PERFIL SUSTENTÁVEL.....</b>	<b>15</b>
Dimensão organizacional	
Dimensão psicossocial	
Dimensão espacial	
<b>D. CONCLUSÕES.....</b>	<b>24</b>
<b>E. AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>27</b>

## **A. INTRODUÇÃO**

Atualmente, o elevado consumo de energia representa um problema emergente, cujas consequências são altamente preocupantes para o meio ambiente. Na União Europeia, várias ações têm vindo a ser implementadas no sentido de promover os comportamentos sustentáveis e criar comunidades mais ecológicas. Entre outras, a redução do consumo energético em edifícios e espaços partilhados tem se revelado uma estratégia particularmente vantajosa. A investigação tem demonstrado que só na Europa, os edifícios públicos registam dos níveis mais elevados de consumo desnecessário e ineficiente de energia de aproximadamente 40%. Contudo, estes espaços também apresentam um potencial de poupança de energia igualmente elevado, de cerca de 50% a 90%<sup>1</sup>.

Assim, torna-se fundamental intervir diretamente neste problema de impacto ambiental e social, a fim de motivar a mudança de comportamento dos utilizadores destes espaços para que estejam mais inclinados, a realizar ações que permitam reduzir o consumo de energia e, conseqüentemente, a adotar práticas mais sustentáveis. O projeto *“University community engagement in technologies for sustainability: A social architecture”*, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, surge como estratégia de intervenção para colmatar este problema no âmbito do contexto universitário do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Com uma equipa multidisciplinar com conhecimentos nas áreas da Arquitetura, Engenharia, Informática e Psicologia, este projeto tem por objetivo envolver a Comunidade ISCTE na redução do consumo energético, com vista a promover a sustentabilidade ambiental, o potencial ecológico e a melhoria da qualidade dos seus edifícios e espaços partilhados.

O presente relatório resulta de um estudo realizado no ISCTE com o intuito de explorar as crenças e perceções da sua Comunidade face ao consumo de energia e sustentabilidade ambiental nos seus edifícios e espaços partilhados. Os dados foram recolhidos através de um breve inquérito online, na plataforma Qualtrics, entre Janeiro e Março de 2020. Foi facultada uma versão portuguesa e inglesa do inquérito para que a comunidade estrangeira também tivesse a oportunidade de participar.

Com os resultados obtidos, procedeu-se ao mapeamento do perfil sustentável da comunidade ISCTE. Conhecer bem o contexto, as circunstâncias e o público-alvo antes de se avançar com o desenho e implementação de uma intervenção é fundamental para garantir que a mudança de comportamento é bem-sucedida a curto e longo-prazo. Este relatório consiste no primeiro passo nessa direção.

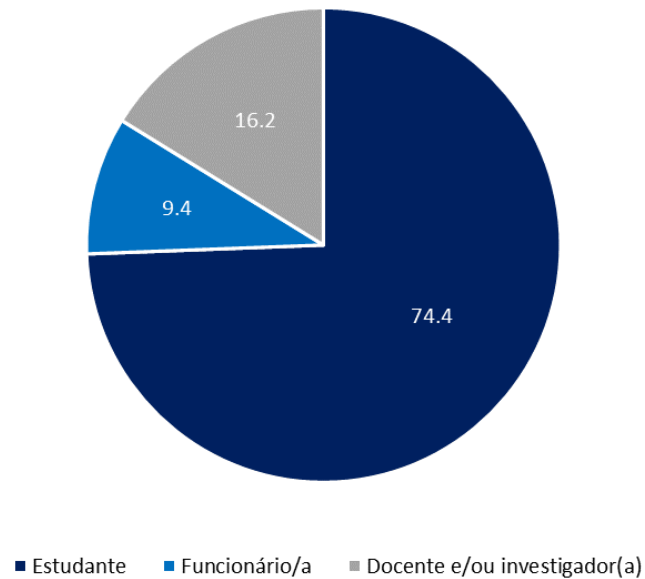
---

<sup>1</sup>European Commission. (2019). *Clean energy for all Europeans*. Publications Office of the European Union.

## **B. CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFIA**

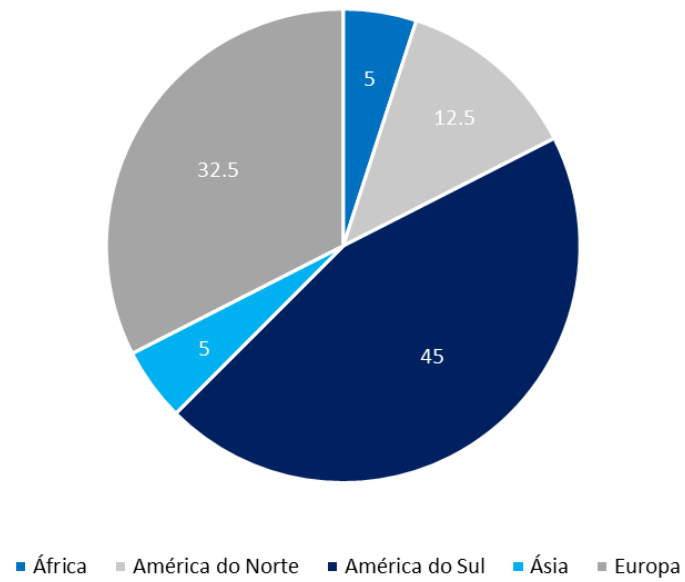
A adesão da comunidade ISCTE resultou no registo de 1163 respostas. Da totalidade, 622 foram consideradas respostas válidas, das quais 96.6% são portuguesas. Participaram no estudo 463 estudantes, 101 docentes e/ou investigadores, e 58 funcionários técnicos e administrativos (ver Figura 1).

Figura 1. Vínculo dos participantes ao ISCTE (%)



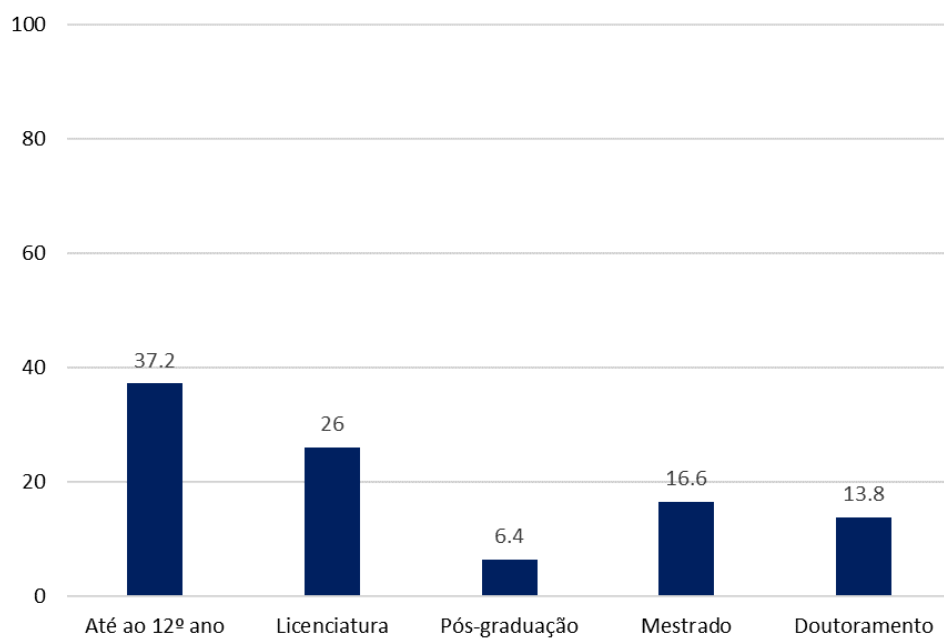
A maioria dos participantes é do sexo feminino (67.2%) e de nacionalidade portuguesa (92.9%). Os restantes 7.1% correspondem a nacionalidades estrangeiras (ver Figura 2). A média de idade para o total da amostra é de aproximadamente 30 anos ( $SD = 11.88$ ), sendo que a idade mínima registada é 18 anos e a máxima 64 anos.

Figura 2. Nacionalidades estrangeiras por continente (%)



Em média, os participantes estão a estudar ou a trabalhar no ISCTE há cerca de 5 anos ( $SD = 7.23$ ). A grande maioria concluiu o ensino secundário ou um curso de licenciatura (ver Figura 3).

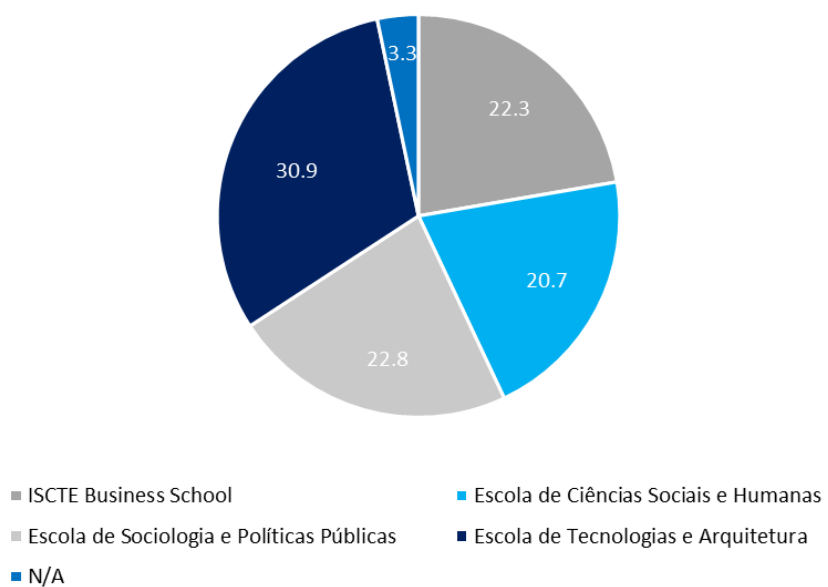
Figura 3. Último nível de escolaridade concluído (%)



Das quatro principais áreas científicas do ISCTE, os participantes pertencem mais à Escola de Tecnologias e Arquitetura (ver Figura 4).



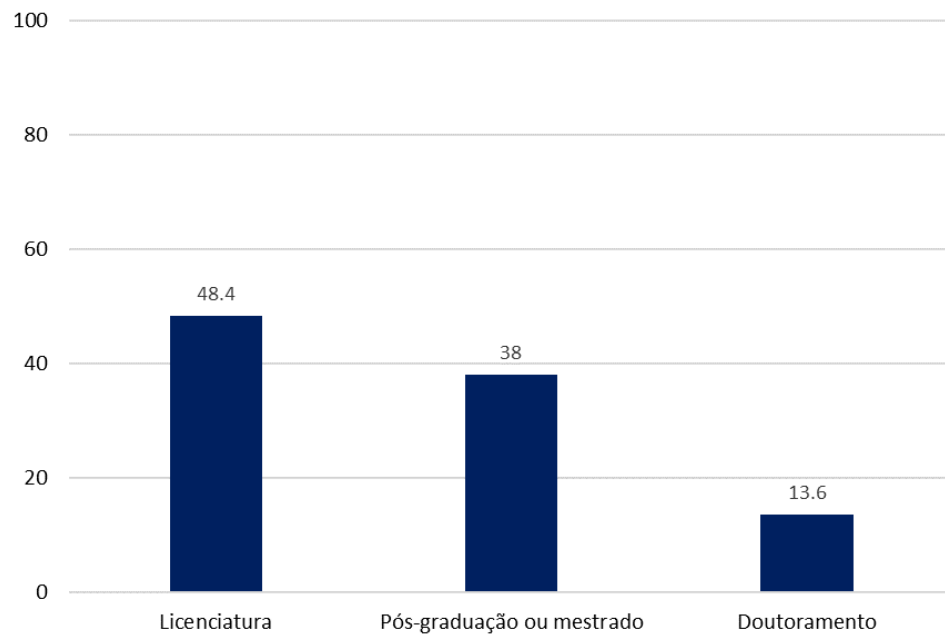
Figura 4. Áreas científicas dos participantes (%)



### Grupo dos Estudantes

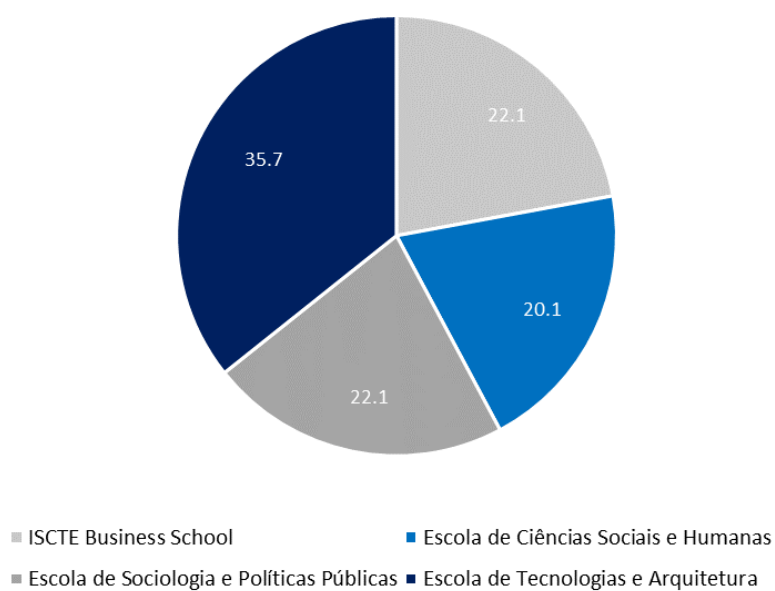
Do grupo dos estudantes ( $N = 463$ ), 68.9% são do sexo feminino e 91.9% são de nacionalidade portuguesa. A média de idade é de 25 anos ( $SD = 8.75$ ). O participante mais novo tem 18 anos, e o mais velho tem 61 anos. Quase metade dos estudantes encontra-se inscrito num curso de licenciatura (ver Figura 5).

Figura 5. Curso a ser atualmente frequentado (%)



Em média, os participantes encontram-se a estudar no ISCTE há quase 2 anos e meio ( $SD = 2.40$ ), em diversos cursos pertencente às quatro principais áreas científicas (ver Figura 6).

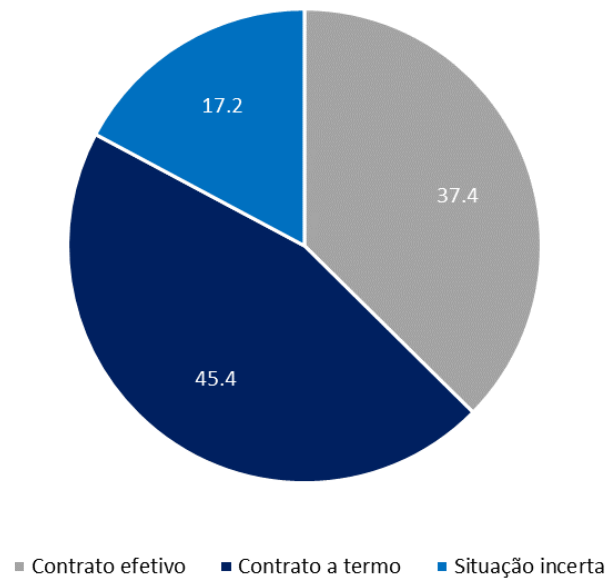
Figura 6. Áreas científicas dos cursos dos estudantes (%)



### Grupo dos Docentes e/ou Investigadores

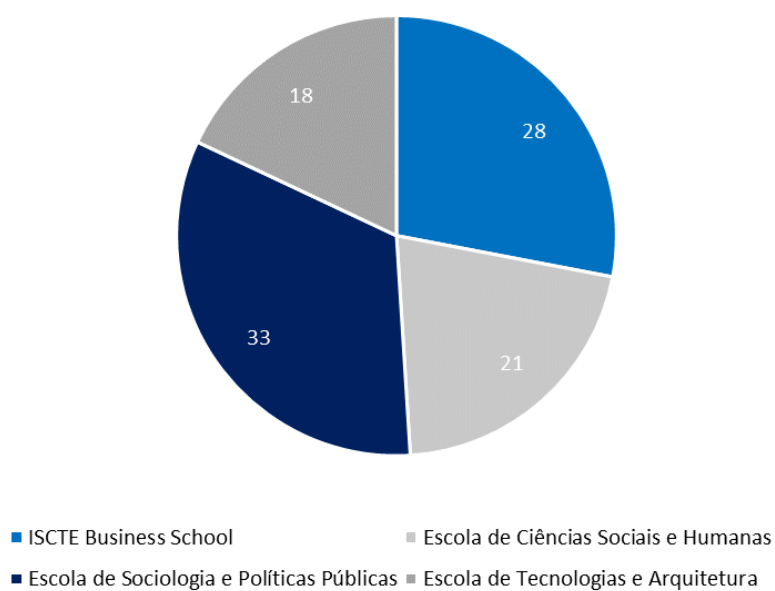
Os docentes e/ou investigadores ( $N = 101$ ) são, na maioria, do sexo feminino (57.4%), com uma média de idade de cerca de 44 anos ( $SD = 9.74$ ), sendo que a idade mínima regista é 24 anos e a máxima 64 anos. Deste grupo, 94.1% são de nacionalidade portuguesa. A maioria concluiu o mestrado (23.8%) ou doutoramento (74.3%), e está empregado com um contrato efetivo ou a termo (ver Figura 7).

Figura 7. Situação laboral dos docentes e/ou investigadores (%)



Em média, os participantes estão a trabalhar no ISCTE há quase 15 anos ( $SD = 10.14$ ) em vários cursos pertencentes às áreas principais de ensino no ISCTE (ver Figura 8).

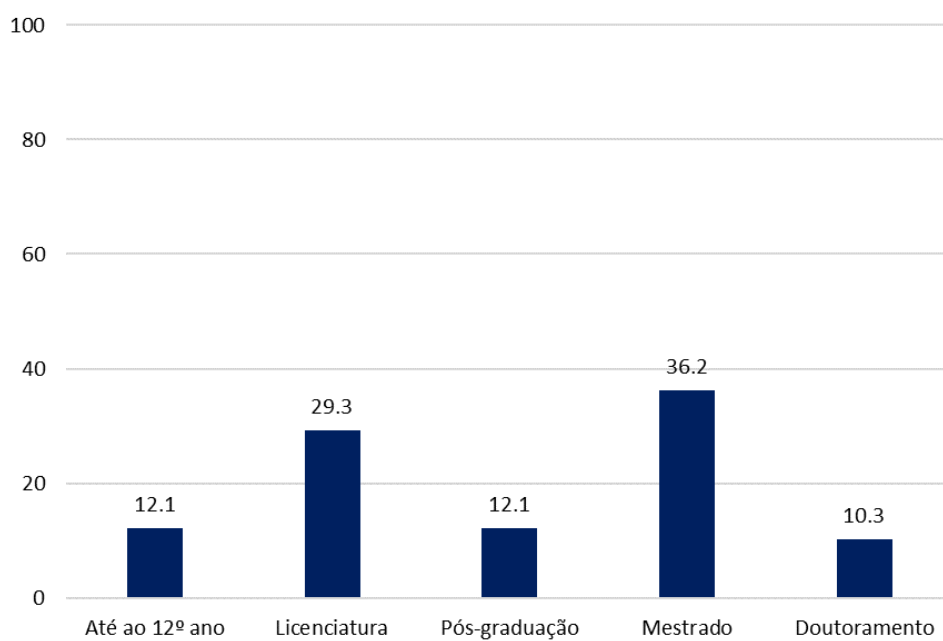
Figura 8. Áreas científicas dos docentes e/ou investigadores (%)



### Grupo dos Funcionários Técnicos e Administrativos

O grupo dos funcionários ( $N = 58$ ) apresenta uma média de 42 anos ( $SD = 8.55$ ), com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos, sendo que 70.7% são do sexo feminino e 98.3% de nacionalidade portuguesa. A maioria concluiu a licenciatura ou o mestrado (ver Figura 9).

Figura 9. Último nível de escolaridade concluído pelos funcionários (%)



Em média, os funcionários encontram-se a trabalhar no ISCTE há cerca de 9 anos ( $SD = 8.12$ ), e grande maioria está empregada com um contrato efetivo (82.8%) e não ocupa um lugar de chefia (84.2%).

## **C. MAPEAMENTO DO PERFIL SUSTENTÁVEL**

Este estudo teve em consideração a importância de incluir diferentes níveis de análise, nomeadamente, organizacional, psicossocial e espacial, para obter um perfil mais pormenorizado da Comunidade ISCTE relativamente às questões ambientais abordadas no projeto (ver Figura 10).

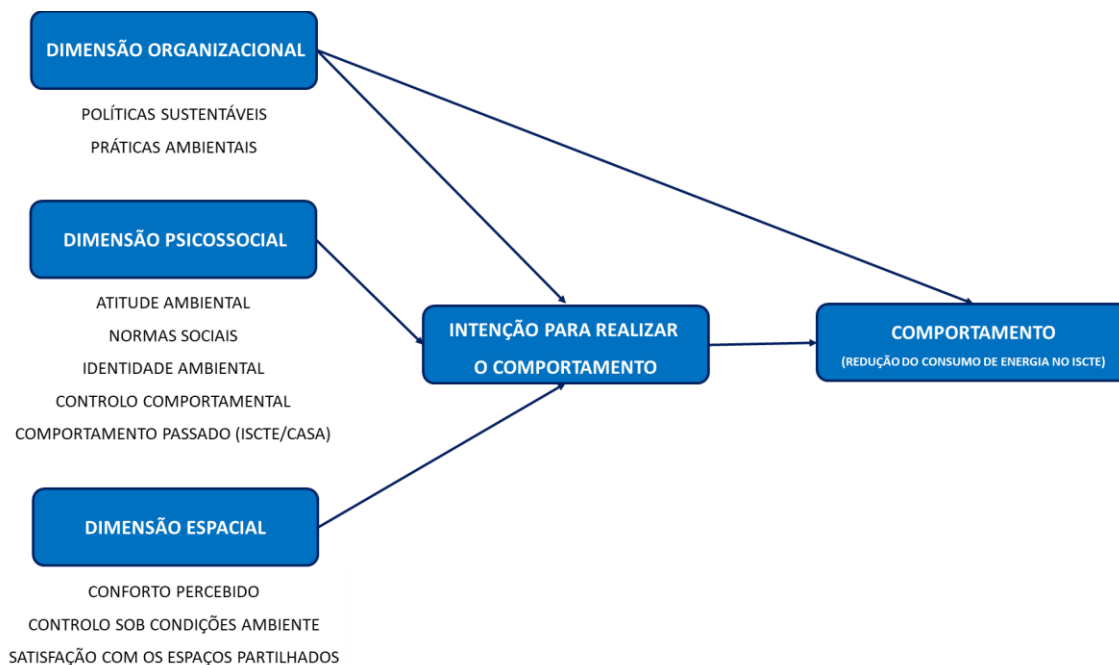


Figura 10. Modelo Teórico de Avaliação Inicial

### Dimensão organizacional

Na esfera organizacional, é importante conhecer as perceções que os utilizadores têm do ISCTE em termos da sua sustentabilidade ambiental visto que as instituições que apresentam fortes iniciativas pro-ambientais tendem a motivar os seus utilizadores a serem mais ecologicamente conscientes<sup>2</sup>. No inquérito foram incluídas duas medidas para explorar o conhecimento que os utilizadores têm acerca das políticas e práticas sustentáveis do ISCTE.

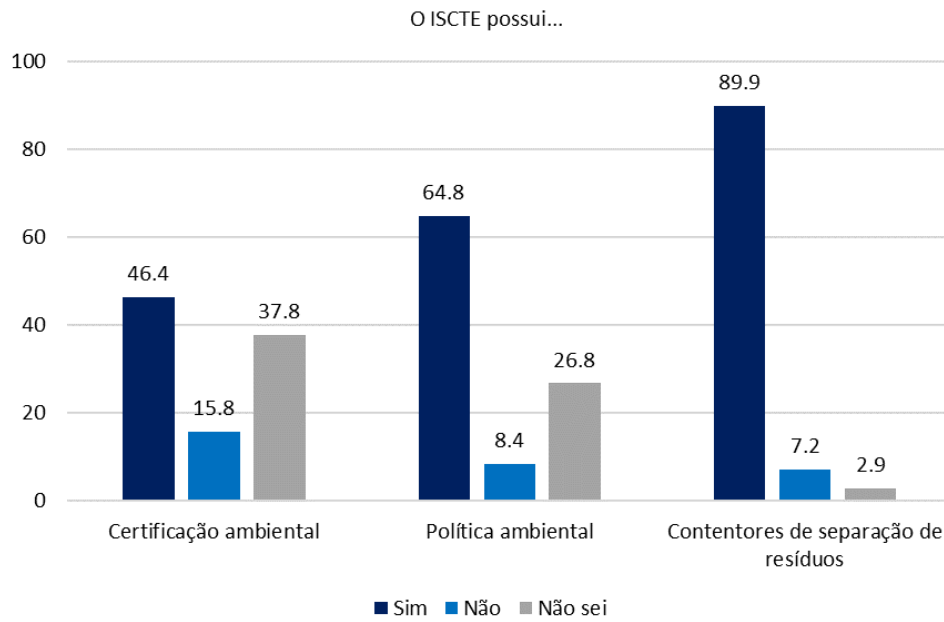
Para medir as políticas sustentáveis foram incluídas cinco afirmações, como por exemplo, “o ISCTE tem alguma certificação em termos ambientais”, com três opções de resposta: “sim”, “não” e “não sei”. Para as quatro afirmações iniciais, a resposta mais frequente é “sim”, embora a resposta “não sei” também apresente valores de frequência elevados para a afirmação relativa à certificação ambiental. A Comunidade não parece ter dificuldade em

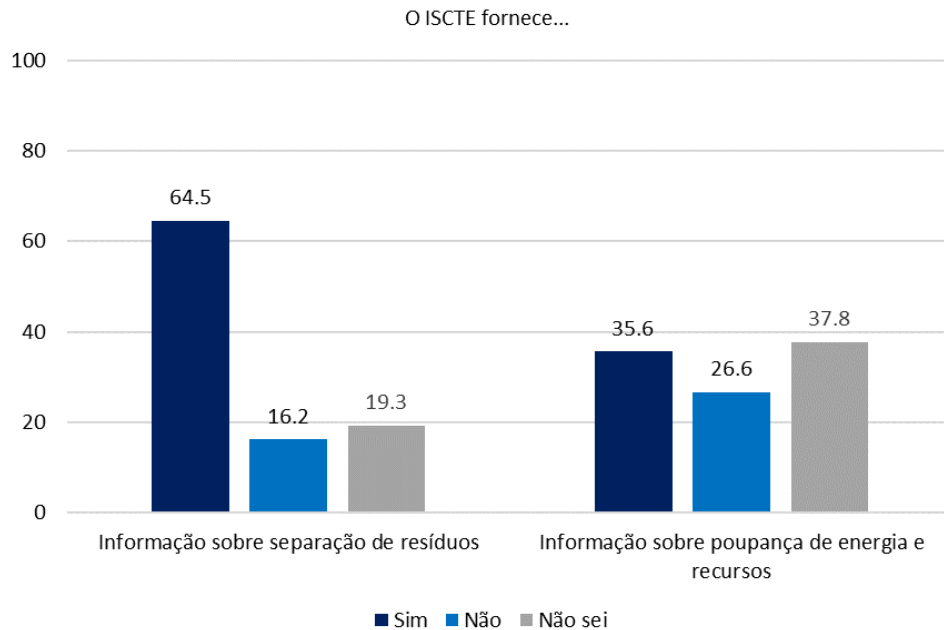
<sup>2</sup>Yuriev, A., Boiral, O., Francoeur, V., & Paillé, P. (2018). Overcoming the barriers to pro-environmental behaviors in the workplace: A systematic review. *Journal of Cleaner Production*, 182, 379–394.



reconhecer os avanços do ISCTE no que diz respeito à separação de resíduos. Contudo, um resultado particularmente importante para o projeto está relacionado disponibilização de informação sobre como poupar energia dentro do ISCTE, onde as frequências das respostas “sim” e “não sei” são muito próximas, demonstrando uma ambivalência nas opiniões da Comunidade (ver Figura 11 e 12).

Figura 11 e 12. Percepção das políticas sustentáveis do ISCTE (%)





Para medir as práticas de responsabilidade ambiental foram empregues cinco itens, como por exemplo “na sua opinião, o ISCTE esforça-se por diminuir o impacto da sua atividade no meio ambiente”, respondidos numa escala de 5 pontos que varia de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. Em média, a Comunidade concorda ligeiramente que o ISCTE se esforça para implementar e conservar práticas sustentáveis nos seus edifícios e espaços partilhados ( $M = 3.52$ ;  $SD = 0.73$ ). Especificamente para o item sobre a poupança de energia, isto é, “na sua opinião, o ISCTE esforça-se por reduzir os recursos naturais que utiliza para o seu funcionamento (água, energia...)”, a média revela que a Comunidade não concorda, nem discorda que o ISCTE faça esse esforço ( $M = 3.33$ ;  $SD = 0.96$ ).

### Dimensão psicossocial

A identificação dos determinantes individuais e sociais representa um passo importante para aumentar a eficácia da mudança comportamental uma vez que ajudam a explicar e a identificar as causas do comportamento atual, mas também contribuem para a realização do comportamento desejado<sup>3</sup>. De modo a compreender melhor algumas variáveis-chave que estão na base da execução de comportamentos sustentáveis no ISCTE, foram incluídas no

<sup>3</sup>Kok, G., Gottlieb, N. H., Peters, G. Y., Mullen, P. D., Parcel, G. S., Ruitter, R. A. C., Fernández, M. E., Markham, C., & Bartholomew, L. K. (2016). A taxonomy of behaviour change methods: An Intervention Mapping approach. *Health Psychology Review*, 10(3), 297–312.

inquérito medidas para avaliar a identidade ambiental, atitude, normas sociais, controlo comportamental percebido e intenção.

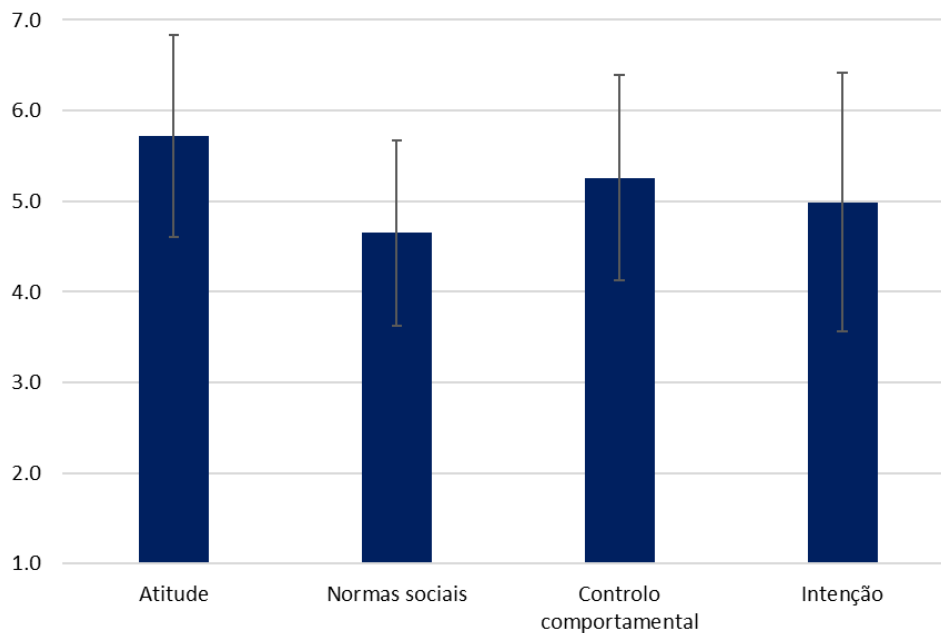
A identidade ambiental foi avaliada por intermédio de três itens, como por exemplo, “gosto de pensar em mim como sendo alguém com preocupações ecológicas”, numa escala de cinco pontos entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”. Em média, a Comunidade considera que as questões ambientais e de sustentabilidade fazem parte da sua identidade ( $M = 4.19$ ;  $SD = 0.76$ ).

A atitude, normas, controlo comportamental e intenção foram avaliados através dez itens, com uma escala de resposta de sete pontos, variando entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”. Cada item foi adaptado para que os utilizadores respondessem com base no seu comportamento no mês anterior à sua participação no estudo. Para medir a atitude foram utilizados dois itens, como por exemplo “para mim, ter um comportamento amigo do ambiente no ISCTE foi algo extremamente positivo”. A Comunidade considera que, em média, teve uma atitude ambiental bastante positiva em relação às suas ações ecológicas no ISCTE ( $M = 5.72$ ;  $SD = 1.11$ ). As normas sociais foram avaliadas com quatro itens, como por exemplo “a maioria dos membros do ISCTE com quem me identifico comportou-se de um modo amigo do ambiente”. Os utilizadores concordam apenas ligeiramente que os seus pares aprovaram ou procuraram ter um comportamento mais sustentável no ISCTE ( $M = 4.65$ ;  $SD = 1.02$ ). O controlo comportamental percebido foi medido com dois itens, como por exemplo “estava confiante que, se eu quisesse, podia comportar-me de modo amigo do ambiente no ISCTE”. A Comunidade afirma que teve a capacidade e autonomia para realizarem os comportamentos pro-ambientais que pretendessem dentro dos espaços partilhados ( $M = 5.26$ ;  $SD = 1.13$ ). Estas três variáveis estão diretamente relacionadas com a intenção que os indivíduos têm para realizar certos comportamentos<sup>4</sup>. De facto, verifica-se que a atitude ( $Beta = .39$ ,  $t = 10.35$ ,  $p < .001$ ), as normas sociais ( $Beta = .12$ ,  $t = 3.29$ ,  $p = .001$ ) e o controlo comportamental ( $Beta = .19$ ,  $t = 5.33$ ,  $p < .001$ ) são variáveis predictoras positivas e estatisticamente significativas da intenção, indicando que quanto mais favoráveis forem a atitude, as normas e o controlo comportamental face a sustentabilidade, maior é a intenção de agir de um modo ecologicamente consciente ( $F_{(3,618)} = 101.95$ ,  $p < .001$ ). Para medir a intenção foram utilizados dois itens, como por exemplo “decidi que me vou esforçar para ter um comportamento amigo do ambiente no ISCTE-IUL no próximo mês”. Como era esperado, a Comunidade demonstra um nível adequado de intenção para adotar num futuro próximo comportamentos sustentáveis no ISCTE ( $M = 4.99$ ;  $SD = 1.43$ ; ver Figura 13).

---

<sup>4</sup>Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179–211.

Figura 13. Média das variáveis-chave de mudança comportamental



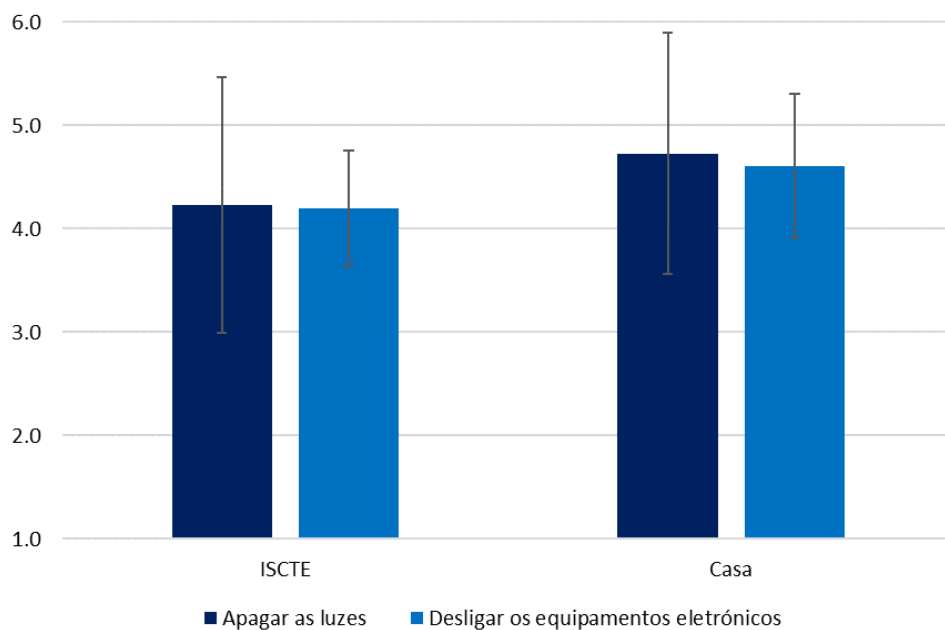
Outro determinante importante diz respeito à frequência dos comportamentos anteriores, atendendo que a realização de um determinado comportamento no passado é um bom indicador do comportamento futuro<sup>4</sup>. Foram incluídos no inquérito sete comportamentos sustentáveis gerais, com cinco opções de resposta que variam entre “nunca” e “sempre”. A média demonstra que a Comunidade procurou quase sempre realizar estes comportamentos nos edifícios do ISCTE ( $M = 4.02$ ;  $SD = 0.65$ ). No âmbito do projeto, foram identificados dois comportamentos específicos de redução do consumo energético que podem ser realizados por todos os utilizadores, e em todos os edifícios e espaços partilhados do ISCTE, designadamente apagar as luzes quando se é a última pessoa a sair de uma divisão e desligar os equipamentos eletrónicos após terem terminado de utilizá-los. Os resultados indicam que os utilizadores tendem a realizar ambos os comportamentos com muita frequência, com uma média de 4.23 ( $SD = 1.24$ ) e de 4.20 ( $SD = 1.17$ ) respetivamente, apontando para a concretização de boas práticas de consumo de energia no ISCTE.

Uma explicação possível para o consumo desnecessário de energia em edifícios e espaços partilhados é que os indivíduos não estão diretamente envolvidos na gestão dos recursos energéticos ou no pagamento das faturas de eletricidade<sup>5</sup>, de modo que se torna relevante para o projeto verificar a existência destes comportamentos sustentáveis noutros contextos, como o local de residência, onde a gestão destes recursos passa a ser da inteira

<sup>5</sup> Chalmers, P. (2014). *Climate change: Implications for buildings. Key findings from the Intergovernmental Panel on Climate Change Fifth Assessment Report*. Cambridge Institute for Sustainability Leadership.

responsabilidade dos indivíduos. À semelhança dos comportamentos realizados no ISCTE, a Comunidade procurou quase sempre ter comportamentos sustentáveis em casa ( $M = 4.13$ ;  $SD = 0.67$ ). Relativamente aos comportamentos específicos para o consumo energético, os resultados obtidos neste estudo demonstram que a Comunidade tende a apagar as luzes ( $M = 4.73$ ;  $SD = 0.56$ ) e a desligar os equipamentos eletrónicos ( $M = 4.61$ ;  $SD = 0.69$ ) em casa com uma frequência ligeiramente superior do que no ISCTE (ver Figura 14).

Figura 14. Média de comportamentos de redução do consumo de energia (ISCTE/Casa)



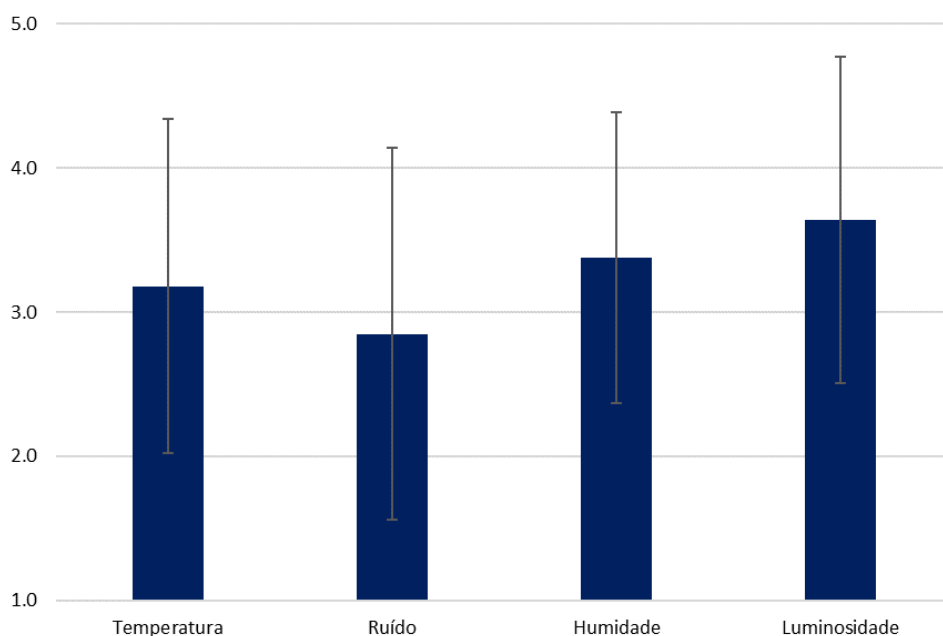
Mais ainda, os dados indicam que existe uma transferibilidade dos comportamentos de redução do consumo energético entre os dois contextos. Em específico, 84.1% dos utilizadores afirmam que começaram a realizar este tipo de comportamentos em casa, aplicando-os mais tarde no contexto universitário do ISCTE. Apenas 12.5% afirmam que estes comportamentos só fazem parte da sua rotina em casa.

### Dimensão espacial

Um aspeto crucial do projeto é garantir que a intervenção de mudança comportamental não terá um efeito adverso para a Comunidade. Para estabelecer uma base de referência para o futuro, foram incluídas medidas para avaliar o conforto percebido, o controlo sobre as condições ambiente, e a satisfação da Comunidade com os edifícios e espaços partilhados do ISCTE.

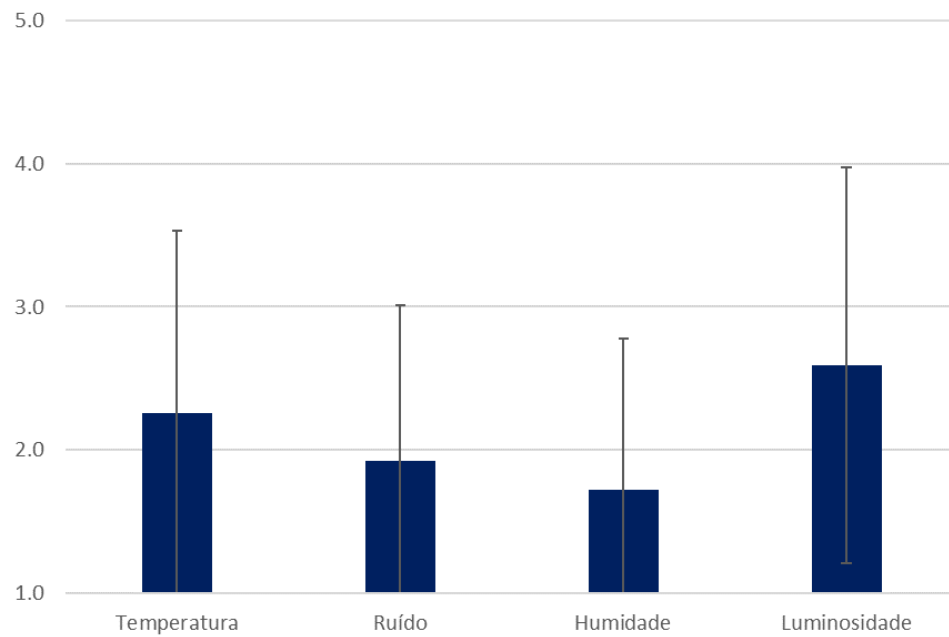
Para explorar o conforto percebido foram utilizados quatro itens, um por cada dimensão do conforto, isto é, temperatura, ruído, humidade e luminosidade, dentro dos edifícios e espaços partilhados. Cada item foi respondido com base numa escala de cinco pontos, variando de “nada confortável” a “muito confortável”. Em média, a Comunidade considera que não está nem confortável, nem desconfortável dentro do ISCTE ( $M = 3.26$ ;  $SD = 0.84$ ). Das quatro dimensões do conforto, esta afirmou estar mais confortável em termos de luminosidade dos espaços ( $M = 3.18$ ;  $SD = 1.16$ ), e menos confortável com o ruído que experienciam dentro do ISCTE ( $M = 2.85$ ;  $SD = 1.29$ ). A humidade ( $M = 3.38$ ;  $SD = 1.01$ ) e a luminosidade ( $M = 3.64$ ;  $SD = 1.13$ ) apresentaram índices de conforto semelhantes (ver Figura 15).

Figura 15. Média do conforto percebido por dimensão



À semelhança da medida anterior, para explorar o controlo foram utilizados quatro itens, um por cada dimensão, ou seja, temperatura, ruído, humidade e luminosidade, respondido numa escala de cinco pontos que varia de “nenhum controlo” e “controlo total”. A média indica que a Comunidade afirma ter pouco controlo sobre as condições ambiente dentro dos espaços do ISCTE ( $M = 2.12$ ;  $SD = 0.91$ ). Em relação às quatro dimensões, esta considera ter mais controlo na luminosidade ( $M = 2.59$ ;  $SD = 1.38$ ), seguida da temperatura ( $M = 2.26$ ;  $SD = 1.27$ ), e menos controlo sob a humidade do ar ( $M = 1.72$ ;  $SD = 1.06$ ) e ruído ( $M = 1.92$ ;  $SD = 1.09$ ; ver Figura 16).

Figura 16. Média do controlo sob as condições ambiente por dimensão



Também foi perguntado o nível de satisfação com as condições dos espaços do ISCTE, numa escala de resposta de cinco pontos que varia entre “muito insatisfeito(a)” e “muito insatisfeito(a)”. Em termos gerais, a satisfação com as condições dos espaços do ISCTE é apenas ligeiramente satisfatória ( $M = 3.56$ ;  $SD = 0.94$ ).

## **D. CONCLUSÕES**



O projeto “*University community engagement in technologies for sustainability: A social architecture*” tem por objetivo desenvolver uma intervenção multidisciplinar que facilite a redução do consumo energético dentro dos edifícios e espaços partilhados do ISCTE. O presente mapeamento do perfil da Comunidade ISCTE permite ter uma visão mais detalhada do seu potencial para a sustentabilidade ambiental, traçado em três dimensões-chave: organizacional, psicossocial e espacial.

Na dimensão organizacional, verifica-se uma ambivalência em relação a algumas políticas e práticas sustentáveis que são defendidas e efetivadas pelo ISCTE. Este padrão é distintamente visível no que diz respeito aos comportamentos de poupança de energia, visto que a Comunidade tem uma opinião dividida sobre o papel do ISCTE neste campo de ação. Sendo esta a área principal de intervenção do projeto, torna-se fundamental intervir nesta questão. De facto, a disponibilização de informação facilita a mudança de comportamento ao aumentar o conhecimento e a consciencialização ambiental dos utilizadores<sup>6</sup>, de modo que será necessário reforçar a divulgação deste tipo de informação e dar exemplos de boas práticas de redução de energia que os utilizadores possam facilmente adotar no ISCTE, como é o caso de apagar as luzes e desligar os equipamento eletrónicos sempre que não são necessários.

Na dimensão psicossocial, os resultados demonstram que a Comunidade tem um posicionamento bastante favorável face os tópicos da redução do consumo de energia e da sustentabilidade ambiental no ISCTE, como se pode observar pela identidade, atitude, controlo comportamental e intenção globalmente positivos. Relativamente às normas sociais, estas também aparentam ser positivas, mas com um valor inferior, revelando um potencial maior de melhoria por comparação às restantes variáveis. O papel das normas reflete-se numa maior pressão social para agir em conformidade com o grupo<sup>4</sup>, de forma que se os utilizadores do ISCTE estiverem cientes que a maioria é a favor da sustentabilidade ambiental e realiza comportamentos que ajudam a reduzir o consumo de energia, como se verifica na avaliação dos comportamentos passados, estes ficarão mais inclinados para seguir o exemplo. Para tal, será necessário tornar as normas mais salientes para todos. Ademais, o melhoramento destes comportamentos no ISCTE poderá reforçar ainda a sua execução noutros contextos públicos, à semelhança do que se observou na transferibilidade das ações sustentáveis entre a habitação residencial e o ISCTE.

Na dimensão espacial, verifica-se que os níveis de conforto, controlo e satisfação com os espaços do ISCTE não são ideais. Quando as condições são adequadas para o espaço e número de pessoas ou quando existe a oportunidade de ter um papel ativo e autónomo na gestão e controlo dos recursos, como por exemplo, a possibilidade de ajustar o ar condicionado, os indivíduos tendem a estar mais inclinados para terem um comportamento ambientalmente positivo e esforçarem-se para reduzir o consumo energético<sup>2</sup>. Como tal, será benéfico não só melhorar o conforto geral dos utilizadores dentro do ISCTE, mas também aplicar estratégias que permitam aumentar os níveis de controlo

---

<sup>6</sup>Staddon, S. C., Cyclic, C., Goulden, M., Leygue, C., & Spence, A. (2016). Intervening to change behaviour and save energy in the workplace: A systematic review of available evidence. *Energy Research and Social Science*, 17, 30–51.

sobre as diferentes dimensões. No entanto, é importante salientar que estas ações acarretam o desafio de fazê-lo sem comprometer os esforços de redução do consumo energético.

De forma geral, os resultados obtidos no presente estudo são bastante satisfatórios. A Comunidade ISCTE apresenta um potencial elevado para aderir com sucesso às tarefas e intervenção contempladas nas próximas fases do projeto. Contudo, a avaliação das diferentes dimensões levantou questões novas que serão avaliadas na segunda fase de condução de estudos empíricos. Nesta fase será igualmente relevante compreender de que modo a conjugação do conhecimento e estratégias das diferentes áreas do projeto pode facilitar a redução do consumo de energia nos edifícios e espaços partilhados do ISCTE. Nesse sentido, os próximos estudos irão explorar a integração de medidas multidisciplinares, como os instrumentos de avaliação psicossocial, os dados em tempo real obtidos por intermédio de sensores, como por exemplo, de temperatura, e do sistema de representação de dados IoT BIM com recurso a cores. Espera-se que os dados obtidos na segunda fase complementem os resultados obtidos neste estudo, a fim de identificar com uma maior precisão as ferramentas e estratégias de intervenção mais adequadas ao problema, objetivos do projeto, contexto e público-alvo.

## **E. AGRADECIMENTOS**

A concretização deste relatório apenas foi possível com a colaboração e o apoio de várias pessoas e departamentos do Iscte. Salientamos a participação da Catarina Tavares e da Patrícia Leitão, a quem agradecemos pela sua colaboração e empenho na tarefa difícil que é a recolha de dados, realizada no âmbito das suas teses de mestrado; o apoio do Gabinete de Estudos, Avaliação, Planeamento e Qualidade (GEAPQ), bem como pela disponibilidade e atenção para dar respostas a todas as questões levantadas durante a elaboração e implementação deste inquérito; e o apoio Gabinete de Apoio à Investigação, fundamental na divulgação do estudo e na motivação da participação da comunidade ISCTE. Por fim, agradecemos a todos os que participaram neste inquérito e permitiram mapear o perfil sustentável da comunidade ISCTE.

Obrigado/a!